

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

BENS MÓVEIS E INTEGRADOS	CÓD.: BMI 57
1. Município: Capelinha	
2. Distrito – Povoado: Sede	
3. Acervo: Conjunto Paisagístico da Rua das Flores	
4. Propriedade – Direito de propriedade: Eclesiástica	
5. Endereço: Rua das Flores	
6. Responsável: Padre Carlos Francisco Dupim	
7. Designação: Cruzeiro Nossa Senhora da Graça	
8-Localização Específica: localiza-se na Rua das Flores em frente	
9. Espécie: Atributos de Imaginaria: Cruz	
10. Época: 1948	
11. Autoria: Sem Referencia	
12. Origem: Minas Gerais, Capelinha	
13. Procedência: Capelinha	
14. Material / Técnica: madeira/ escultura	
15. Marcas / Inscrições / Legendas: A figura da toalha em madeira não está presente	
16. Documentação Fotográfica:	
	
Parte frontal do Cruzeiro – os degraus à direita eram o suporte do Cruzeiro	
Fotógrafo: Edson Ramos Rodrigues	
Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:	Data: Setembro/2010

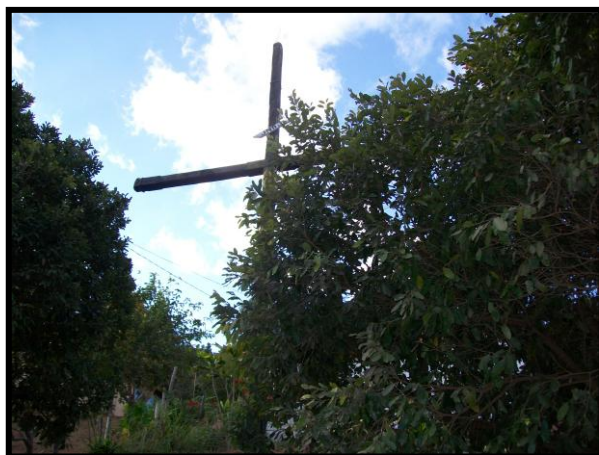
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG



Fotógrafo: Wagner Lopes Ferreira

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Agosto/2008



Fotógrafo: Edson Ramos Rodrigue

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Setembro/2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

17. Descrição: O Cruzeiro Nossa Senhora da Graça foi confeccionado com madeira Braúna, uma madeira escura muito utilizada na época em que se faziam utilitários e móveis religiosos. Possui 7,1 m de Altura na trave vertical; 2,8 m de Comprimento na trave horizontal; 18 cm de Largura de ambas as traves. A policromia consiste de coloração negra revestida de piche, devido a exposição às ações do tempo, em parte do Cruzeiro nota-se a presença de lodo. Sua base é de concreto e se encontra em forma de dois degraus sobre uma rampa de aproximadamente 1 m de altura. A fixação das madeiras se dá através de encaixe entre as madeiras com de pregos. As traves do cruzeiro são retas.
18. Condições de Segurança: Razoável
19. Proteção Legal: nenhuma
20. Dimensões: 7,1 m de Altura; 2,8 m de Comprimento do braço; 18 cm de Largura
21. Estado de Conservação: Regular
22. Análise do Estado de Conservação: Encontra-se com pequenas trincas nos braços e n base está apodrecendo. O Bem possui problemas estruturais e físicos que começam a comprometer a sua integridade. Apesar dos problemas apresentados, o bem não se encontra em processo de arruinamento.
23. Intervenções - Responsável / Data: Houve uma intervenção de substituição em 1958.
24. Características Técnicas: Traves retas de madeira (horizontal e vertical), que se cruzam em ângulo de 90°. As traves foram talhadas e serradas artesanalmente. Estão fixadas em solo comum, com entorno concretado e formado em degraus.
25. Características Estilísticas: Crucifixo de grandes proporções posicionado num pedestal de alvenaria em formato latino e elaborada em madeira braúna, está pintada em tonalidade escura.
26. Características Iconográficas: Cruzeiro: A palavra cruz no grego = (stauros, verbo stauroō) que significa primariamente um poste reto ou uma trave, e secundariamente um poste usado como instrumento de castigo e execução. É bom saber que no Antigo Testamento não se usava este método para executar pessoas, mas era usada, como execução, o apedrejamento. Os cadáveres eram pendurados numa árvore, como advertência (Dt 21.22-23; Js 10.26). Tal corpo era considerado maldito (o que explica Gl 3.13) e tinha que ser removido e sepultado antes do cair da noite (cf. Jo 19. 31). Essa prática explica a referência neotestamentária á cruz de Cristo como uma “árvore”, (no grego xylos, At 5.30; 10.39; 13.29; I Pe 2.24) um símbolo de humilhação. Os escritores contemporâneos descrevem a crucificação como a mais dolorosa de todas as formas de morrer. Teologicamente, o vocábulo cruz era usado como descrição sumária do Evangelho da salvação, de que Jesus “morreu pelos nossos pecados”. Assim é que a pregação do Evangelho é a “palavra da cruz” a “pregação de Cristo crucificado” (I Co 1.17 e segs). Assim é que o Apóstolo se gloria na cruz do Nosso senhor Jesus Cristo e fala sobre estar sofrendo perseguição por causa da cruz de Cristo. Neste caso é claro que a palavra cruz é usada para indicar todo o alegre anúncio sobre nossa redenção por meio da morte expiatória de Jesus Cristo. O símbolo mais reconhecido do cristianismo é sem dúvida a cruz, que pode apresentar uma grande variedade de formas de acordo com a denominação: Crucifixo, Cruzeiro, cruz, para os católicos. A cruz (†) é uma figura geométrica formada por duas linhas ou barras que se cruzam em um ângulo de 90°, dividindo uma das linhas, As linhas normalmente se apresentam na horizontal e na vertical; O instrumento da morte de Jesus é mencionado em textos bíblicos como Mateus 27:32 e 40. Ali, a palavra grega stau-rós é traduzida por “cruz” em várias Bíblias em português por saber que o costume dos Romanos era a crucificação. No Novo Testamento, a cruz é símbolo de vergonha e

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

humilhação, bem como da sabedoria da Glória de Deus reveladas por meio dela. Roma empregava a cruz não só como instrumento de tortura e execução, mas também como pelourinho vergonhoso, reservado para os mais vis. Para os judeus era maldição.

Nossa Senhora da Graça: Nossa Senhora da Graça, entre 1525 e 1527, apareceu à bela índia Paraguaçu por duas vezes na mesma noite e em que descreveu o sonho que tivera para seu marido Diogo Álvares, o lendário Caramuru.

No sonho, a índia vira um navio destrozado, homens brancos rotos e encharcados, tremendo de frio e morrendo de fome, estando entre eles uma mulher muito branca e de fascinante beleza, tendo nos braços uma linda criança.

Caramuru, por insistência da mulher, explorou toda a costa, sem encontrar qualquer vestígio de naufrágio.

Com a repetição dos sonhos e a pedido da bela índia, os indígenas encontraram uma embarcação de gente branca na ilha de Boipeba, sem que entre os naufragos houvesse pessoa do sexo feminino.

Entretanto, na noite de volta do marido, a formosa dama tornou a aparecer a Caramuru, agora sozinha, dizendo que a mandasse buscar para a aldeia e lhe fizesse uma casa.

Diogo partiu pela segunda vez e deu rigorosa batida no lugar, onde encontrou uma imagem da Virgem Maria com um menino nos braços e que foi reconhecida como a Virgem dos sonhos de Paraguaçu. Diogo fez elevar perto de sua casa uma ermida de taipa, talvez a primeira construída na Bahia, iniciando assim a devoção a Nossa Senhora da Graça.

27. Dados Históricos:

O Cruzeiro foi erguido em 1948 sendo este o único Cruzeiro da Região Central da Cidade. O Responsável por sua inauguração foi o padre José Batista dos Santos. Nas imediações do Bem havia algumas casas que com o tempo foram demolidas. A primeira peça foi feita de madeira e erguido com a ajuda e colaboração da Comunidade Capelinhense e pelos devotos de Nossa Senhora da Graça. Este Primeiro Cruzeiro apodreceu e caiu devido a falta de manutenção. Naquela época se encontrava em Capelinha o Padre Raimundo, que um ano depois ergueu à aproximadamente 1 (um) metro do local onde se encontrava o primeiro Cruzeiro de Nossa Senhora da Graça. O Segundo Cruzeiro, segundo alguns relatos dos moradores, não teve muito a participação das pessoas, somente alguns fiéis ajudaram a erguê-lo. Em 1958, quando fora erguido o 2º Cruzeiro, houve uma promessa do Sr. Milton (marido de Elza de Flozina) de iluminá-lo. Também esteve no local o pároco Otacílio de Sena Queiroz. A promessa foi cumprida, mas o Cruzeiro não ficou iluminado por mais que 5 (cinco) meses. Havia também uma torneira próxima ao Bem. Quando se fazia penitências, ainda comuns entre alguns moradores para pedir chuva em dias de seca, os Fiéis usavam a torneira para pegar água e fazer penitências. Este Cruzeiro possui mais de 50 anos de existência, passando ao longo dos anos por intervenções, a última reforma foi realizada pelo Cônego José Gabriel de Oliveira

28. Referências Bibliográficas:

Revista Iconografia Cristã,
Entrevistas com: José Ferreira Guedes, Erci Lopes Barbosa.
Arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Graça
Arquivos da Câmara Municipal
Arquivos de José Carlos Machado

29. Informações Complementares: S/R

30-Ficha Técnica:

Levantamento: Wagner Lopes Ferreira	Data: Julho/2008
Elaboração: Wagner Lopes Ferreira	Data: Agosto/2008
1ª Revisão: Edson Ramos Rodrigues	Data: Setembro/2010
2ª Revisão: Fernando Cordeiro da Costa	Data: Novembro/2010
Arquivamento: Setor de Patrimônio Cultural	Data: Dezembro/2010